



dicas do vestibular

Literatura: Dona Narcisa X Capitu – o Encontro do Olhar

Material elaborado pela professora Regina do Sistema de Ensino Energia.

1) Introdução

Tomemos por base novamente fragmentos de duas obras da listagem para leitura obrigatória do vestibular da UFSC 2007.



Romance
Dona Narcisa de Villar, de Ana Luísa de Azevedo Castro (1958-1959).



Romance
Dom Casmurro, de Machado de Assis (1899-1900).



Ao tomarmos alguma obra literária para análise, podemos nos ater a diversos tópicos, com recortes precisos ou mais amplos.



Para a atual empreitada, iremos nos prender a um único ponto: **o olhar**. Não aquele do autor na gênese da personagem, mas aquele que o transcende, que se gera no leitor, com base na leitura que faz da personagem.



Para tanto, precisaremos, é óbvio, do “olhar” primeiro, da construção inicial. Observemos, só para aclararmos um pouco as idéias, os fragmentos abaixo, de duas obras consideradas bastante diferentes em relação às estéticas de época.

2) Fragmentos

Texto 1

Ao pé de um bom fogo, (...) e onde se assavam carás e batatas roxas, que eu comia com delicioso prazer, eu ouvia (...) duas Índias velhas, com seu falar pausado e cadencioso, com essa algaravia única, em que se misturam as línguas primitiva e a portuguesa adotada, que tanto me agradava.

(...)

– (...) Então vou contar-lhe tudo (...) olhe que é uma história do Anhangá!

Sentia ela tão vivamente os prazeres alheios, tendo sempre palavras de consolação que dar aos que sofriam, com uma expressão tão distinta, que ele reconhecia nela essa linguagem do céu que tinha aprendido no Evangelho.

Ela era para ele aquele Deus, em que lhe ensinava a crer.

(...)

Passaram-se anos, D. Narcisa de Villar ficou moça, e Leonardo já era homem. Ele não andava vestido como seus companheiros de escravidão; suas roupas eram elegantes e seus modos distintos.

A moça tornou-se bela como uma divindade. Os seus modos eram tão benévolos, quando tratava com os pobres, sua caridade tão extensa, que ganhou no povo um amor universal. (...)

Seu pescoço alvo e longo como o da gaivota de nossas margens era ornado de colares de diamantes, cujos laços lhe cobriam o alvo colo; seus cabelos pretos e lustrosos como as asas da jacutinga, eram suspensos no alto da fronte por flores de pedras de muito custo. Seu talhe fino e esbelto como o beija-flor era desenhado pelas longas e profundas pregas de seu vestido de cabaia azul com flores de prata; seus pés calçavam uns sapatinhos de cetim branco, de salto, que tornavam ainda mais majestoso o andar de rainha. Ah! Que era a mais bela virgem de todo o bairro.

Quando a moça apareceu no salão, seus irmãos que quase lhe eram estranhos, ficaram surpreendidos de tanta beleza e majestade e olharam entre si admirados.

(CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. *Dona Narcisa de Villar*. Florianópolis: Mulheres, 2005.)



Texto 2

Não podia tirar os olhos daquela criatura de quatorze anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, não desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor, não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos.

(...)

Como vê, Capitu, aos quatorze anos, tinha já idéias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos.

(...)

Era também mais curiosa. As curiosidades de Capitu dão para um Capítulo. Eram de vária espécie, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves, outras frívolas; gostava de saber tudo.

(...)

Capitu não achava bonito o perfil de César, mas as ações citadas por José Dias davam-lhe gestos de admiração. Ficou muito tempo com a cara virada para ele. Um homem que podia tudo! que fazia tudo! Um homem que dava a uma senhora uma pérola do valor de seis milhões de sestércio!

(...)

A pérola de César acendia os olhos de Capitu. Foi nessa ocasião que ela perguntou a minha mãe por que é que já não usava as jóias do retrato; referia-se ao que estava na sala, com o de meu pai, tinha um grande colar, um diadema e brincos.

(...)

Fui devagar, mas ou o pé ou o espelho traiu-me. Este pode ser que não fosse; era um espelhinho de pataca (perdoai a barateza), comprado a um mascate italiano, moldura tosca, argolinha de latão, pendente da parede, entre as duas janelas. Se não foi ele, foi o pé. (...)

Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, "olhos de cigana oblíqua e dissimulada." Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se se podiam chamar assim. (...) com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...

(...) Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me.

(ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Scipione, 1994.)

3) Conclusões

O leitor, “alma sensível”, como diria o Bruxo do Cosme Velho, iria se prender, em princípio, apenas às características facilmente detectadas; românticas no primeiro fragmento e realistas no segundo. Entre elas, para não nos determos tanto, poderíamos elencar:

No texto 1

- 1) A nítida preferência pelo exótico – cor local/natureza pátria –, metáforas com animais (pássaros para o feminino: jacutinga, beija-flor, gaivota) brasileiros (espécimes ágeis e rápidas para o masculino: veado, gazela), a gerar um nacionalismo bastante idealizado, para frisar a lusofobia, então reinante, entre alguns escritores.
- 2) O indianismo, na presença da maiúscula cada vez que há referência ao índio e na construção da personagem Leonardo. Faz parte do nacionalismo essa idealização, porém, a gênese desse mesmo índio não tem raiz nacional; é baseada no ideal do *bon sauvage*, do iluminista Rousseau. Poderíamos, ironicamente, pensar na construção de um índio romântico brasileiro com alicerces franceses.
- 3) O sentimentalismo gerador da descrição.
- 4) A preferência pelas personagens fracas, frágeis e oprimidas, numa espécie de continuação do sentimentalismo (inverso ao evolucionismo/humanitismo trabalhado em Machado de Assis posteriormente).

- 5) A religiosidade, numa espécie de maniqueísmo bastante claro, o Bem = Deus, o Mal = Diabo (Anhangá).
- 6) A idealização das personagens – D. Narcisa = deusa, rainha, anjo, Deus, majestade.

No texto 2

- 1) A presença de materialismo, que leva à negação do sentimentalismo e da metafísica, do espiritual e dos valores subjetivos.
- 2) A negação da burguesia, a partir da célula-mater da sociedade, a família, geralmente descomposta ou prestes a se desfazer, entre triângulos amorosos e jogos de interesses.
- 3) A posição anticlerical por excelência, gerando também uma oposição intrínseca à religiosidade.
- 4) A presença de análise psicológica na construção das personagens, em contraponto ao sentimentalismo e ao subjetivismo românticos.
- 5) A riqueza de descrição que não expressa, necessariamente, riqueza no descrito, pelo contrário, aproxima-se da pobreza – ou, pelo menos, falta de elementos ricos – não há idealização; caracteres físicos tendem a indicar o psicológico.

Na verdade, são construções de personagens bastante distintas, facilmente detectáveis pela tipificação como “plana”, no primeiro recorte, em oposição à “espessa”, no segundo; porém, embora diferentes, há algo que aproxima as duas narrativas através justamente dessas personagens. Talvez um pré-Realismo incipiente, na crítica ao casamento por conveniência, no relato da opressão familiar imposta à mulher, talvez transcendendo a personagem, a possibilidade de uma voz e de uma escritura femininas num universo essencialmente masculino à época. Lembremo-nos de que homens escrevem em 1800, não mulheres. Ao gênero feminino, era relegado o plano das artes domésticas, não das intelectuais. A possibilidade de escutarmos e lermos esse testemunho nos traz à mente uma Capitu, a que “tinha já idéias atrevidas”, a que “as curiosidades dariam um capítulo à parte”. Temos uma narradora-quase-Capitu, sem os impulsos e as decisões da criação machadiana, é óbvio, mas com um princípio, talvez, de revolução feminina, no erguer a voz ao alto das artes literárias e bradá-la, mesmo que paradoxalmente frágil. É fácil analisar os escritos passados quando se está confortavelmente sentado na platéia do aqui e do agora, é fácil elencar falhas em uma escritura feita há tanto tempo... Difícil é descer ao palco do ontem e do lá, e tentar, pelo menos tentar, fazer-se ouvir uma voz feminina, num agitado mar de egos masculinos. Quem sabe os olhos nos ajudem neste momento, “olhos de ressaca”, portadores de um fluido misterioso e uma força que nos envolva, puxe-nos e trague-nos a crítica superficial, deixando apenas os aplausos pela coragem do encarar o universo artístico masculino e desafiá-lo, gerando uma das primeiras vozes femininas na literatura brasileira oitocentista.